

## MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E HIPERCAPITALISMO

---

Paulo Brazão

Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira

pbrazo@uma.pt

O contexto da crise atual dá oportunidade de refletir as políticas de fundamentalistas de mercado livre, do domínio da economia sobre a política, da subordinação da justiça às leis da finança e da acumulação de capital. Nesta comunicação abordo a mercantilização da educação, expressão também usada por Giroux (2012) para denunciar a forma como nos Estados Unidos se tem tratado a cultura da infância, corrompida pelo crescimento incontrolável da comercialização, da mercantilização e do consumo.

### **A financeirização enquanto modelo capitalista, no centro da crise económica das sociedades ocidentais contemporâneas.**

Jorge Nascimento Rodrigues, numa publicação de 2012 intitulada “Como o capital financeiro conquistou o mundo” explica que a financeirização é a maior mudança estrutural no capitalismo nos dois últimos séculos. Mas esta não é um desvio temporário da lógica capitalista. É um modelo de capitalismo.

Segundo o autor, o capitalismo financeiro é problemático por originar uma alteração paradigmática no sistema capitalista. Tornou-se mais fácil fazer dinheiro através de aplicações financeiras que investir produtivamente na criação e desenvolvimento de empresas de produção de bens e serviços à comunidade. A hiper financeirização, suportada pela convicção de que nada pode ser concluído sem o apoio financeiro gerou uma “elite financeira” que capturou o poder político e os estados. Por outro lado, a existência de sistema financeiro sombra, à escala global, com o consentimento de políticas neoliberais, não reguladas fez e faz crescer somas incalculáveis na especulação contra países e empresas e lançam milhares de pessoas no desemprego.

No contexto português e segundo Santos (2012), na crise do sistema económico estão implicados o falhanço dos políticos e a elite financeira que praticando e defendendo a iniciativa privada, utilizaram a proteção do estado, parasitando-o.

Assistiu-se ao aumento da despesa pública e conseqüentemente ao endividamento do soberano, fazendo o desfecho não longe da bancarrota (Rodrigues, 2012).

Suportados pelos progressos tecnológicos à escala global, os mercados financeiros, passaram a ser controlados por algoritmos que dando ordens de compra e venda em milésimos de segundo provocaram e provocam violentas alterações de preços, ganhando milhões. Estas máquinas decidem com base em dados e estatísticas. A especulação da oferta e da procura nos mercados de matérias-primas está a condicionar a vida de milhões de pessoas no planeta. Comprometeu-se o futuro. O capitalismo financeiro num mundo globalizado pressionou os estados e as sociedades, condicionou políticas e provocou alterações também no campo da educação.

### **A mercantilização da educação e a lógica de acumulação de capital**

A crise veio oferecer a oportunidade de refletir as políticas de fundamentalismo de mercado livre, do domínio da economia sobre a política e a subordinação da justiça às leis da finança e da acumulação de capital.

Nos Estados Unidos, segundo Giroux (2012), a mercantilização da educação tem alterado a visão sobre a cultura da infância corrompendo-a com o crescimento incontrolável da comercialização, da mercantilização e do consumo.

O império do consumo tem vindo a apresentar uma marcada transição da cultura da inocência e da proteção social para uma cultura de mercantilização. Esta valorização determina apenas o lucro como sucesso e a mercadoraria como relação social, regulada pelos mercados (Grosseberg, 2005). Nesta lógica desenham-se cenários exuberantes produzidos pela indústria do marketing e da publicidade que despendendo somas na ordem dos 17 biliões de dólares (Schor, 2005), moldam as identidades das crianças. Empresas multimilionárias tornaram-se o veículo educativo e cultural que moldam e sequestram o modo como os jovens definem os seus interesses, valores e relações com os outros. A influência política destas empresas é preponderante em influenciar igualmente o poder do estado para os seus interesses.

A fragilização da soberania do estado deu lugar à soberania do mercado. A cultura da infância passou a ser dominada pela lógica consumista ao invés do investimento social, necessário e central na vida moral da sociedade. Crianças e adolescentes devido à capacidade de influenciar o consumo estão no epicentro da “cultura de consumo

americana” e passaram a ser alvo importante das ações de marketing. “Apagados como futuros cidadãos de uma democracia, as crianças são agora construídas como objetos de consumo e venda” (Giroux, 2012, p. 66).

Passamos alguns números exemplificativos desta realidade (Schor, 2005):

- De 31 milhões de crianças dos doze aos dezanove anos geravam em 2000 um consumo de 155 biliões de dólares passaram a 33,5 milhões em quatro anos e a gerar 196 biliões de dólares por ano.

- Os adolescentes comandam 200 biliões de dólares de poder de compra. É também necessário referir a influência destes no meio familiar: Crianças com menos de doze anos e adolescentes influenciam as compras dos pais num total de 670 biliões de dólares por ano.

Neste cenário assistiu-se à confusão entre democracia e hipercapitalismo. Os grupos económicos ao pressionarem o estado para a abertura ao mercado livre, conduziram a educação para uma filosofia de mercado que encara a infância como mercadoria e a democracia como inimigo.

### **Para finalizar**

As políticas de mercantilização da educação, com a lógica do desperdício e na descartabilidade deixam danos permanentes na forma como as sociedades devem encarar os jovens e a infância. Estas não são apenas matérias de debate político ou económico. As consequências da mercantilização da educação deverão ser equacionadas no debate pedagógico.

Não diabolizando o consumo, o que se pretende é denunciar a cultura suportada no ciclo de aquisição e descartabilidade como cerne do capitalismo global não regulado. Sem essa crítica resta pouco espaço para equacionar o consumo sem a lógica da mercantilização e que abrace também princípios de sustentabilidade. Nesse sentido é necessário consciencializar os consumidores, criando espaços públicos e movimentos sociais que ajudem os jovens a desenvolver noções saudáveis de si próprios, identidades e visões de futuro, não contaminado pelos valores e mentalidades do mercado (Giroux, 2012).

Pensando na educação como elemento fundamental para as novas gerações, será interessante compreender o sentido crítico destes fenómenos nas diretivas tomadas para

Brazão, P. (2014) Mercantilização da Educação e hipercapitalismo. In F. Correia (Org.). Estado Mínimo. Escola Mínima (pp.212-215). Funchal: CIE-UMa. (ISBN: 978-989-95857-5-1)

as políticas públicas, na área da educação, conhecida a insustentabilidade do sistema orientado pelo mercado livre.

### **Referências**

Giroux, H. (2012). Mercantilizando as crianças: a crise esquecida, in J. Paraskeva & L. Oliveira (2012). Currículo e Tecnologia Educativa. Ed. Pedago, Vol 3 pp. 62-72

Grossberg, L. (2005). Caught in the crossfire: Kids, Politics, and America's Future. Boulder: Paradigm Publishers.

Rodrigues, J. (2012). Como o capital financeiro conquistou o mundo. Famalicão: Ed. Centro Atlântico.

Santos, N. (2012). Sinistro mundo novo. In J. Rodrigues (2012). Como o capital financeiro conquistou o mundo. Famalicão: Ed. Centro Atlântico. pp. 13-16

Schor, J. (2005). Born to Buy. New York: Scribner.